TL7170

CNRM - FALINTIL

Caríssimos Companheiros

Abraços com a mesma amizade e confiança na Luta.

1. Foi com grande apreço que recebi o vosso documento em defesa do espírito unificador do CNRM e em defesa da necessidade de uma estrutura ampla que viesse a representar a Resistência do nosso Povo.

Confesso que passei por vários graus de reacção, ao ler detidamente o vosso documento. O documento espelha uma animosidade tal a um indivíduo que as acusações pessoais já não possuem objectividade e coerência.

Mas devo dizer que compreendo totalmente a forma como elaboraram o documento, pela simples razão de que os companheiros não estão em posição para poderem ver com clareza as questões substanciais que estão na base dos proble - mas da Frente Diplomática.

2. Em cada conjuntura da Luta, há sempre uma necessidade mais premente que outras. O processo da Resistência evolui sem cessar, embora aparentemente, possa dar mostras de estaticismo ou de impasse.

As necessidades estratégicas surgem ao seu tempo e, mesmo que não solucionadas, o processo no seu constante desenvolvimento não espera por elas. Da solução ou não dessas necessidades estratégicas, o processo cria novo sistema de necessidades, porque o processo alimenta-se de vários factores, interpon - -se constantemente numa mútua influência e interdependência. Bem visto o nosso processo de Luta, a Resistência no interior da Pátria é menos complexa que a situação política no exterior.

Enquanto no interior da Pátria, as pessoas cumprem, no exterior as pessoas pensam. Porque são ou querem ser agentes que também determinam sobre o processo. Imaginem as Direcções dos Partidos, todas no interior da Pátria. A confusão seria enormissima e fatal e ninguém saberia cumprir o quê. Demos graças a Deus que as Direcções dos Partidos tivessem optado por trabalhar lá fora.

. Voltando ao sistema, a relação complexa que existe entre as necessidades da Luta, escalonadas, em cada conjuntura concreta (conjuntura e o momento actual do desenvolvimento do processo), em importância e prioridades, não ac - tua pura e simplesmente sobre si mesma, mas, sobretudo, ENFRENTANDO o seu oposto o outro processo, o que pertence ao inimigo, que é apenas a metade de todo o processo de guerra em Timor-Leste.

E, nunca esqueçamos, nós somos a parte em dependência, porque o lado dominante pertence ao adversário. Por esta relação entre nós e o inimigo, a mu - dança do sistema das necessidades coloca, para o processo global, uma necessidade principal para se responder. Os desentendimentos no seio da nossa representação diplomatica figuram como problemas internos nossos, quando colocados perante o processo global.

Não há dúvida que influencia e é por isso mesmo, que os nossos apelos não cessam para uma tomada de consciência para as mudanças de atitude. Porque não são pessoas que cumprem, mas pessoas que pensam, a nossa esperança é apenas que eles consigam chegar a uma conclusão sobre o processo.

3. Em 1982, a política da Unidade Nacional tinha como objectivo chamar a

todos os nacionalistas no interior da Pátria a unirem-se na Fretilin e/ou a juntarem-se à Fretilin e apelava aos membros da Igreja a apoiarem a luta.

De 1983 a 1986, a política da Unidade Nacional virava a sua atenção especificamente à UDT, a fim de se pôr uma pedra no passado.

De 1987 a 1989, a política da Unidade Nacional advogava o reconhecimento formal da Igreja e do sector nacionalista independente (sector em que as pessoas não faziam parte dos 2 partidos).

De 1990 (desde que declarei a disposição ao 'Diálogo sem pré-condições') a 1991, a estratégia da Unidade Nacional perseguia, essencialmente, a adopção de uma estratégia de solução.

De 1992 até agora, a Unidade Nacional só pode ter sentido exacto se todos convergirmos as atenções e esforços na via da solução do conflito. Porque, mais do que obter-se a 'unidade' (que existe em termos globais), É JÁ TEMPO PARA CONSIDERARMOS QUE É TEMPO JÁ PARA SE PÔR FIM AOS SOFRIMENTOS DO NOSSO POVO.

4. A preocupação dos Companheiros é legítima e é a de todos os timorenses. O que desgostou foi a forma como interpretaram a realidade. Penso contar-vos um facto na nossa guerra. O Comandante de Companhia Koro Asu, cujo filho está no orfanato de Venilale e fora adoptado por mim, tombou em 1988. Era o Comandante dos menos 'politizados' que a Falintil já teve. Nunca pôde dar-se bem com os quadros politicos, a quem chamava de medrosos, fala-baratos e parasitas. Criava contradições com Comandantes de outros agrupamentos. Contudo, foi o melhor Comandante Operacional que apareceu nas fileiras das Falintil. Se, na generalidade, todos os Comandantes da Guerrilha, tivessem ao menos metade da sua capacidade de acção, a Falintil teria feito outra história anos atrás.

A apreciação sobre as pessoas é na sua capacidade e nos resultados que essa capacidade produz. Resultados para a Luta!

A apreciação sobre os responsáveis deve ir desde a sua visão, perspicácia de acção, conhecimento da matéria, espírito de iniciativa, idoneidade politica e autoridade moral e total preocupação e empenhamento para tudo quanto liga ao seu campo de actividades.

Quando não atendemos a isto tudo, somos muitas vezes levados a considerar as aparências, reproduzidas por aqueles que ainda não sabem o que fazer ... para salvar o nosso Povo!

5. Sem, de modo nenhum, negar a capacidade intelectual e politica de todos os timorenses, labutando na diáspora, sem negar as legitimidades históricas que estão nos ombros de muitos lideres partidários e de grupos,

RH é o timorense que já era perseguido pela PIDE, nos tempos em que muitos de nós tínhamos os olhos apenas nos contos mensais que amealhávamos.

RH foi o promotor das ideias sobre a ASDT e, com outros, membro-fundador do primeiro movimento politicamente organizado pro-independência em Timor - -Leste.

RH foi, desde o inicio, social-democrata e, embora a passagem da ASDT para a Fretilin indicasse 'concepções revolucionárias, foi um exemplo de tolerância política, aceitando a mudança. Isto aconteceu, mais uma vez, em 1982, quando soube que a Fretilin passara a ser um Partido Marxista-Leninista, por erro meu de saudosismo ideológico e ignorância politica, RH continuou a res-

peitar os seus companheiros de luta e manteve-se no seu posto.

Politicamente, a sua idoneidade é superior à minha, que andou ao sabor das temperaturas da Luta.

Se os livros de RH me ensinaram alguma coisa, a melhor que eu aprendi de-le é a percepção que eu tenho agora da sua enorme experiência nas lides da diplomacia. Toda e qualquer pessoa responde mais e produz mais quanto mais conhece a matéria com que lida. Se em Burg Schlaining, RH não produziu grandes discursos ou não fez vibrantes intervenções, a sua inegável experiência, no campo em que ele se especializou, deixou visíveis marcas no encontro, que nenhum outro pode fazer. Marcas que tem repercussão no tratamento da questão de Timor-Leste.

Assim como aos guerrilheiros da Falintil, a Pátria exigiu que se dedicassem inteiramente à Luta, RH fê-lo e a sua vida errante está totalmente consagrada ao desenvolvimento das actividades.

Eu acredito que também haja muitos responsáveis timorenses, na Frente Diplomatica, que estejam dispostos também a não prestar atenção à sua vida privada e a dedicarem-se 'full time' a luta diplomática!

Se acreditamos que RH está em viagem de recreio, nós acreditamos na propaganda de Jacarta. Se acreditamos que RH embolsou todo o dinheiro doado a Resistência, nós fazemos eco às vis provocações de Jacarta.

Talvez nem todos saibam que o grupo encabeçado por Chico Rupia foi educado no Deplu e no BIA, nos encontros com Ali Alatas e militares. Ali Alatas chamou a atenção dos participantes ao Intra-Timorense para terem cuidado com RH. Para mim, isto é sinal de que Ali Alatas, considerado 'um profundo conhecedor do problema de Timor-Leste!, pelos seus longos anos na ONU, lidando com o problema, receia RH. E fico muito satisfeito com isto! E os guerrilheiros da Falintil orgulham-se disso, de ter um soldado da Pátria lá fora, temido por Jacarta!

O Povo Maubere deve orgulhar-se de ter um filho, entre outros que hoje estão no exterior, um filho chamado RH que, em todo o percurso histórico da libertação da Pátria, foi sempre um idóneo lutador da liberdade, firme de principios e consistente no pensamento.

Estas são as qualidades de RH que eu aprecio e, como Comandante das Falintil, dou valor. O problema não é ter menos ou não confiança nos outros. Assim como de um Sabalae, que apenas tem a 4a classe, e de um Konis Santana que aprendeu a lutar lutando, eu deposito total confiança estratégica na materialização das orientações, RH é o homem que possuè a mesma visão sobre o processo que eu.

Assim como ele respeita as minhas opinioes sobre o conjunto da situação no interior da Pátria, o que não o inibe de fazer criticas ou adiantar propostas, eu respeito a sua inteligente visão sobre o conjunto da situação da luta diplomatica, o que também nunca me inibiu de mandar-lhe directrizes e de aceitar as suas reservas sobre uma ou outra orientação por mim formuladas.

Este é o clima de trabalho entre XG e RH.

Não estou aqui a marginalizar ninguém e a criar um 'manequin diplomático' para a Resistência.

RH não precisa de mim para o ajudar nas suas 'manobras políticas', é a Re

sistencia que precisa dele como a 'face diplomática', na nossa luta MUITO DIFICIL de lobbies! RH, como diplomata, impôs-se pela sua visão pragmática e habilidade, pela sua dedicação total e sentido do dever.

Dos companheiros Zelugo, Mari e Roque Rodrigues, a quem estimo e a quem exijo fidelidade aos princípios da organização da Resistência, eu quero lembrar que eles sabem que o que nos deve guiar agora é a consciência comum de que devemos dar tudo de nós mesmos para pormos termo aos sofrimentos do nosso Povo.

Dos companheiros da luta, o Sr. Presidente da UDT, Engenheiro João Carrascalão, o Sr. Vice-Presidente Dr. Zacarias Costa e o Secretário-Geral do Partido, Sr. Domingos de Oliveira, a quem respeito, eu acredito que existe já a tomada de consciência de que o momento actual da luta exige, de todos os que representam o nosso Povo, uma maior interiorização das necessidades da Luta.

De todos os outros, responsáveis da Fretilin e da UDT, eu acredito que já devem começar a entender que o que se deseja é uma avenida comum para juntarmos esforços mais consequentes para salvar o nosso Povo.

Eu penso que o Dr. Abilio Araujo deve estar agora decepcionado com as promessas de Jacarta. Eu sempre alertei que os generais indonésios não são homens para se acreditar neles. E creio que o Dr. Abilio Araujo deve estar a ficar um bocado magoado por Jacarta não cumprir os pequenos apelos do Grupo de Reconciliação.

Nós já conhecemos os indonésios/generais indonesios, eles nunca dão sem exigir nada em contra-partida e pior ainda, eles dao um para pedir 10! Eu sempre fiquei admirado que Suharto quisesse receber o Dr. Abilio Araujo. Se os seus 2 enviados pediram-me para confiar neles, de que o que desejavam era a independência, Dr. Abilio estaria num tremendo dilema! Ou vir encontar-se com o assassino do nosso Povo e negar os seus próprios ideais ou não vir e começar a fazer a contagem regressiva.

Eu penso assim e creio que todos pensaram assim, 'nggak mungkin' Suharto o iria receber como pro-independente.

A estratégia de Jacarta estava bem abalançada no 2o encontro de reconciliação, em Cheapstow. Não era ilógico, se Alatas pensasse em um encontro 'Dr. Abilio Araujo/General Suharto', antes do Intra timorense, uma jogada diplomatica de impacto, com repercussão no próprio encontro da Austria.

Porque Alatas não se esforçou para a realização do tal face-to-face entre Abilio e Suharto? Esta é a pergunta que pairou no ar e a resposta só pode ser de que Dr. Abilio Araujo teria recusado reconhecer a integração da sua Pátria. Não há outra explicação, política plausível!

Se o Dr. Abilio Araujo, um dia vier a reconhecer o seu erro de apreciação sobre o carácter do regime militarista de Jacarta (e obviamente reconhecer que os que lidamos diariamente com os tipos, somos 'ahli' na matéria) e quebrar com a farsa da reconciliação com o 'Bangkok' da D. Abate, regressando assim às mesmas trincheiras de combate, será bem-vindo! A ele e ao seu grupo, dir-lhes-ei, "vamos trabalhar para salvar a Pátria. Já descansantes demasiado tempo."

É assim, Caríssimos Companheiros, sempre que um individuo ou grupo dá mostras de querer trabalhar 'di sampingan', esse individuo ou Grupo deseja apenas promover os seus nomes. Sempre que um individuo ou Grupo só reclama não terem

espaço para trabalhar, esse individuo ou Grupo deseja apenas uma colocação que o apresente como também ... representante (de direito) do Povo Timorense!

Não há, nas reclamações e comportamentos deste género, motivo outro que não a decepção por não estarem a figurar na fila da frente.

Se, enquanto o Povo sofre e morre, já existem atitudes assim em responsáveis timorenses, no fim da guerra, a luta pelo poder político será tão renhida como indesejável. O que valerá, o que ajudará a democracia em Timor-Leste, será o facto de que os guerrilheiros da Falintil estarão a curar as suas feridas da guerra, em casernas que nunca serão construidas.

6. Gostei do espirito de abertura e confianca em que redigiram o documento. Eu sei que RH não ficará ofendido, porque ele compreenderá que os companheiros necessitavam de ser esclarecidos nalgumas questões fundamentais que dão força à capacidade de dirigir do Comandante das Falintil.

7. Devo afiançar-vos que não estou a 'assistir' à situação da nossa Frente Diplomática. Os apelos não bastaram e decisões serão inaceitáveis. Ficamos à espera que todos os legitimos Representantes do Povo Timorense saibam escolher o momento para a verdadeira mudança de atitudes. A minha mensagem no inicio deste ano apelava para a mudança de atitudes, de todos!

Entretanto, vamos continuando a pressionar os líderes politicos do nosso Povo a cumprirem o seu papel de UNIR o nosso Povo. Tomo como minhas as propostas avançadas da Reorganização, contudo não posso forçar os Responsáveis Timorenses no Exterior. Uma 'fraqueza' política na minha Capacidade de Dirigir a Luta!

Um fraternal abraco.

Pel' O CNRM,

Kay Rala Xanana Gusmão

Cmdt. das Falintil

Prisao de Cipinang, 28 de Setembro de 1995.-